

# PERCEPÇÃO SOBRE O DOENTE MENTAL: OPINIÕES DE GRADUANDOS EM PSICOLOGIA

Maria dos Prazeres Vieira da Silva<sup>1</sup>  
Danyelle Monte Fernandes da Costa<sup>2</sup>  
Nilton Soares Formiga<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer, através da Escala de Atitude, frente ao doente mental (ADM), a percepção dos alunos do curso de psicologia, de uma universidade privada de João Pessoa. Participaram 162 sujeitos, graduandos do início e do final do curso de Psicologia. De acordo com os resultados pode-se observar que os sujeitos apresentaram atitudes discriminatórias frente ao doente mental, sendo estes percebidos como pessoas alheias aos problemas que o circundam.

**Palavras-chave:** Doente Mental; Atitudes; Autoconceito.

## ABSTRACT

The aim of this study is to know through the Scale of Attitude front to the Sick Mental the students' perception of the course of Psychology of a private university of João Pessoa. Participated 162 subjects, students of the beginning and of the end of the course of Psychology. The results showed that the subjects presented discrimination attitudes front to the sick mental, considering as people strange to the problems that surround it.

**Key Words:** Sick Mental; Attitudes; Self-Concept

---

<sup>1</sup> Mestra em Psicologia Social pela UFPB e Prof<sup>ª</sup>. de Psicologia da Infância e da Adolescência da Universidade Aberta Vida – UNIVIDA.

<sup>2</sup> Mestra em Psicologia Social pela UFPB e Prof<sup>ª</sup>. de Psicologia Aplicada à Saúde da FACENE.

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia Social pela UFPB e Prof. Titular da ULBRA – TO.

## 1 INTRODUÇÃO

A doença mental tem sua história tão antiga quanto a história da humanidade, mas mesmo assim, os sentimentos e as reações das pessoas frente a esse problema ainda apresenta um caráter negativo. Os estudos realizados, tanto no Brasil como em outros países, no campo das atitudes frente ao doente mental, têm constatado a presença de idéias preconceituosas e de concepções estereotipadas em relação à doença mental (PINTO NOGUEIRA,1983). Alguns estudos, como o realizado por Olmsted e Durham (1976) mostraram que essas atitudes negativas, frente ao doente mental, podem estar ligadas ao sistema de crenças das pessoas, como também ao desconhecimento do problema, o que faz com que, geralmente, as pessoas expressem medo diante o doente mental e conseqüentemente o rejeitem.

Os estudos realizados por D'Amorim (1982) em João Pessoa, confirmaram essas atitudes negativas em relação ao doente mental, mas a autora constatou, também, que as atitudes tendiam a ser menos negativas (as pessoas atribuíam menos estigmas ao doente mental), a medida que o nível socioeconômico se elevava, o que pode estar associado ao fator educação ou conhecimento do problema, pois se supõe que quem pertence a um nível socioeconômico mais elevado, possui maior conhecimento sobre a doença mental, já que, no Brasil, segundo a autora, o nível de escolaridade geralmente apresenta uma alta correlação positiva com o nível socioeconômico. Alencar (1982) também chegou a essa conclusão ao estudar o autoconceito de excepcionais, comparando alunos de diferentes níveis socioeconômicos. A autora observou que, tanto o autoconceito como as atitudes em relação aos colegas, foram mais negativos entre alunos de nível socioeconômico baixo.

As atitudes negativas tende a agravar ou cronificar os problemas apresentados pelo portador de doença mental, que pode formar um autoconceito negativo, podendo passar a se ver como uma pessoa limitada e incapaz, sentindo-se humilhado e envergonhado ao interagir com os demais (PASQUALI, 1987; ROUCEK, 1968). Para Telford e Sawrey (1984), as pessoas portadoras de deficiência se sentem e agem como inferiores, e tendem a formar um autoconceito a partir das avaliações e das expectativas do seu meio social. Segundo esses autores, “as evidências indicam que os doentes mentais são tão negativos em suas opiniões concernentes à categoria a que pertencem quanto o público em geral”. Por outro lado, ao se perceber como inferior, o doente mental pode se comportar de forma a estimular atitudes negativas nas pessoas com quem interagem, ocorrendo o que

Vayer e Rocin (1990) chamam de “ciclo de inadaptação”. Quando o comportamento da pessoa não corresponde ao esperado pelo meio, ela passa a ser avaliada em função de seus fracassos, o que a leva a formar um conceito negativo de si, aumentando ainda mais suas dificuldades na interação com o mundo e gerando novos fracassos. Para Swanson e Spitzer (1970), a estigmatização do doente mental restringe e afeta negativamente as interações que ele poderia estabelecer ou manter com outras pessoas, dificultando a aceitação e à reintegração social do mesmo. As pessoas classificadas como doentes mentais são, segundo Rapoport, Ariaque e Petrarca (1993) divergentes da sociedade, e o fato de se mostrarem diferentes das pessoas do seu grupo social levam-nas muitas vezes a serem perseguidas e rotuladas como insanas, sendo encaminhadas a internações e tratamentos involuntários.

As atitudes negativas das pessoas frente ao doente mental são influenciadas por vários fatores, alguns estudos têm sido realizados no sentido de compreendê-los, servindo de base para o desenvolvimento de programas de saúde mental, junto à população, com o intuito de promover modificações em suas atitudes. Com este estudo, pretendeu-se investigar se o fator conhecimento acerca da doença mental influencia as atitudes negativas frente ao doente mental, no sentido de diminuir tais atitudes. Para tanto, o mesmo foi realizado com estudantes de psicologia, por se entender que estes possuem conhecimentos didáticos sobre a doença mental. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi conhecer, através da Escala de Atitudes, frente ao doente mental (ADM), a percepção dos alunos do curso de Psicologia, de uma universidade privada de João Pessoa.

## **2 MÉTODO**

### **AMOSTRA**

Foi composta por 162 estudantes de psicologia, de uma Universidade Privada de João Pessoa, sendo do início e final do curso, de ambos os gêneros, com idade variando entre 17 e 57 anos.

## INSTRUMENTO

Utilizou-se dois fatores da Escala original de Atitudes frente ao Doente Mental ADM (PASQUALI, 1987), do tipo likert, na qual as respostas vão de 1= discordo totalmente a 7= concordo totalmente, tendo um ponto neutro, o 4= indeciso. Esta escala indica uma percepção do doente mental como sendo caracterizado por três problemas comportamentais: dificuldade de relacionamento com os demais e consigo mesmo; indisposição para a ação e para o trabalho; e desorientação geral (memória e percepção falhas).

## PROCEDIMENTO

Aplicou-se a escala coletivamente em salas de aula, aos alunos do primeiro ao quarto e do oitavo ao décimo períodos, tarde e noite, do curso de Psicologia. A participação foi voluntária.

## RESULTADOS

Através das análises estatísticas encontrou-se os seguintes resultados:

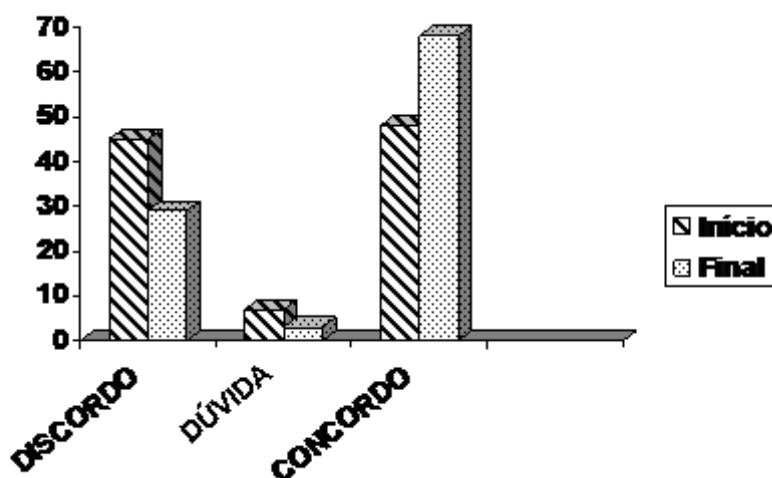
Na tabela 1, encontra-se a frequência dos sujeitos em relação às atitudes frente ao Doente Mental.

**Tabela 1** - Frequência das percepções dos sujeitos em relação ao doente mental.

Itens Relacionados ao Doente Mental	Escala			Estatísticas		
	1	2	3	$\chi^2$	gl	p<.
É uma ameaça às pessoas	111	12	39	97,0	2	.001
Faz uma mistura de palavras na fala	38	22	105	66,4	2	.001
Não tem vontade própria	113	19	30	97,8	2	.001
Persiste no mesmo pensamento	20	18	124	136,1	2	.001
Com frequência se esquece de coisas importantes	48	30	84	28,0	2	.001
Incapaz de desenvolver tarefas em grupo	93	22	46	48,6	2	.001

**Nota:** (1) Concordo totalmente, (2) Concordo em parte (3) Discordo totalmente

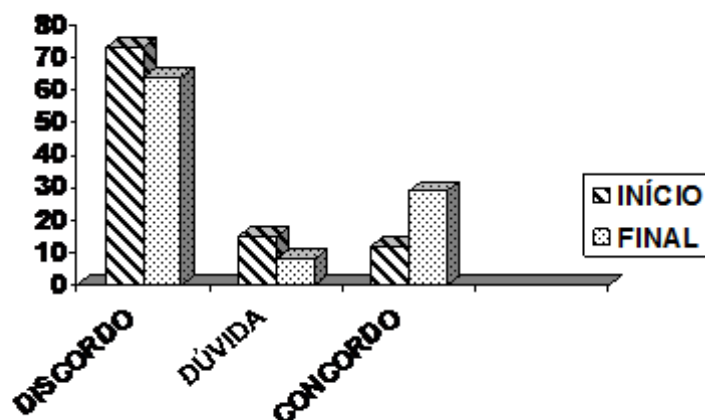
**Gráfico 1:** Frequência dos sujeitos do início e final do curso frente ao doente mental, em relação à alienação (*vive no mundo da lua*).



NOTA:  $\chi^2_2 = 6,75$ ;  $P < .05$

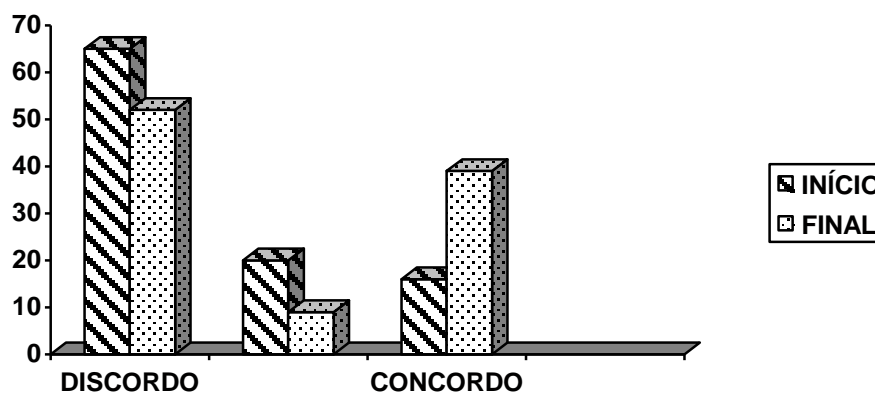
No **gráfico 2**, estão as frequências dos sujeitos em relação à motivação do doente mental. Mais de 50%, tanto do início quanto do final do curso discordam sobre esta atitude. No **gráfico 3**, os sujeitos do início do curso discordaram no que diz respeito à cooperação do doente mental.

**GRÁFICO 2:** Frequência dos sujeitos do início e final do curso frente ao doente mental, em relação à motivação (*não apresenta disposição para nada*).



Nota:  $\chi^2_2 = 7,54$ ;  $p < .05$

**GRÁFICO 3:** Frequência dos sujeitos do início e final do curso frente ao doente mental, em relação à cooperação (*não apresenta disposição para nada*).



Nota:  $\chi^2_2 = 12,76$ ;  $p < .001$

## CONCLUSÃO

A partir desses resultados, conclui-se que, os sujeitos apresentaram atitudes discriminatórias frente ao doente mental, isto é, para eles, a inserção do doente mental na sociedade se mostra inadequada por estarem alheios aos problemas que o circundam e demonstrarem confusão no pensamento ou na linguagem. Em relação aos grupos, isto é, os sujeitos que estão no início e final do curso, encontrou-se os seguintes resultados: dos que estão no início do curso, 76% discordam a respeito da inutilidade do doente mental ( $\chi^2_2 = 7,54$ ;  $p < .05$ ) e 49% concordam que eles são alienados ( $\chi^2_2 = 6,75$ ;  $p < .05$ ). A respeito dos sujeitos que se encontram no final do curso, 67% concordam que o doente mental é alienado ( $\chi^2_2 = 6,75$ ;  $p < .05$ ) e 65% discordam que eles são inúteis ( $\chi^2_2 = 7,54$ ;  $p < .05$ ). Dessa forma, observou-se que não houve diferença significativa entre os grupos, concluindo-se que o fato de se encontrar no início ou no final do curso de Psicologia não fez muita diferença para essa população quanto à percepção sobre o doente mental. No entanto, constatou-se a presença de atitudes negativas frente ao doente mental, em ambos os grupos, o que pode estar relacionado com outros fatores, como crenças sobre a doença mental.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. Autoconceito de excepcionais: problemas de avaliação. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, v. 34, n. 4, p.122-6, 1982.

D'AMORIM, M.A. Nível sócio-econômico, percepção da doença mental e atitude em relação ao doente menta. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, v. 34, v. 4, p. 113-21, 1982.

OLMSTED, D.; DURHAM, K. Stability of mental health attitudes: a semantic differential study. **Journal of Hearth and Social Behavior**, v. 17, p. 35-44, 1976.

PASQUALI, L. Atitude frente ao doente mental: um modelo etiológico e medidas de atitudes. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5 n. 2, p. 29-71, 1987.

PINTO NOGUEIRA, A. L. M. Atitudes frente ao doente mental: Um estudo da influência do nível de comportamentos sintomáticos e do sexo de pacientes psiquiátricos sobre as atitudes de seus familiares. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1 n. 1, p. 25-49, jan./dez. 1983.

RAPOPORT, A.; ARIQUE, P.; PETRARCA, R. Doença mental: metamorfose histórica. Porto Alegre, **Psico**. v. 24, n. 2, p. 93-101, jul./1993.

SWANSON, R. M.; SPITZER, S. P. Stigma and the psychiatric patient career. **Journal of Hearth and Social Behavior**. V.11, p.44-51, 1970.

ROUCEK, J. **A criança excepcional**. São Paulo: Ibrasa. 1968.

TELFORD, Charles W.; SAWREY, James M. **O indivíduo excepcional**. Rio de Janeiro: Zahar. 1984.

VAYER, Pierre; ROCIN, Charles. **Psicologia atual e desenvolvimento da criança**. São Paulo: Manole, 1990.